

DISCURSIVIDADE DO CORPO FEMININO EM MALÉVOLA

Daniela Cristine Alves Franco¹ (IC)*, Guilherme Figueira Borges² (PQ)
dani.lettras14@hotmail.com

^{1,2} Universidade Estadual de Goiás – Câmpus. Avenida R 2 Qd 1 s/n, Iporá – GO, 76200-000

Resumo: O presente trabalho, tem como interesse lançar o olhar para o filme “Malévola” de modo a analisar um novo significado do corpo feminino a partir de uma transgressão às práticas demarcadas para o corpo da mulher. Objetivamos, assim, analisar as transgressões aos papéis de gênero, destacando a manifestação do corpo feminino no filme, que firma um corpo outro para a mulher contemporânea. Desse modo, nosso trabalho toma por base o campo da Análise do Discurso francesa, a partir de trabalhos de Foucault (1999, 2012, 2013). A partir das análises, destacando-se uma transição da materialidade do corpo discursivo de Malévola a partir de uma movimentação nos espaços da trama narrativa. O corpo também é constituinte e constituído por discursos que demarcam, por exemplos, padrões estéticos e condutas construídas ao corpo feminino ao longo da história. Logo, pode-se dizer que há, no discurso fílmico em questão, a emergência de outra constituição de sujeito-mulher no fio da história.

Palavras-chave: Malévola. Corpo. Análise do Discurso.

Introdução

Este trabalho apresenta como ponto norteador pensar a materialidade linguístico-visual, percebendo o sujeito-personagem Malévola, no filme “Malévola”, revelando, assim, que a partir do sujeito em questão - e sobretudo do seu corpo construído discursivamente – emergem a manifestação do corpo em diferentes instâncias sociais nas quais se constitui a discursividade corporal de Malévola. Para Tanto, ancoramo-nos postulados da Análise do Discurso francesa, notadamente, na rede teórica fundada por Michel Foucault (1999, 2012, 2013). A partir das análises, evidencia-se uma transição da materialidade do corpo discursivo de Malévola a partir de uma dada movimentação nos espaços da trama narrativa. Assim sendo, pode-se dizer que há, no discurso fílmico em questão, a emergência de uma outra constituição de sujeito-mulher no fio da história.

Um Olhar Sobre o Discurso: A perspectiva de Michel Foucault

Um discurso, para Foucault, é conceituado como uma rede de signos que se conecta a outras tantas redes de outros discursos, em um sistema aberto, e que registra, estabelece e reproduz não significados esperados no interior do próprio discurso, mas sim valores desta sociedade que devem ser perpetuados. O discurso não é um encadeamento lógico de palavras e frases que pretendem um significado em si mesmo, ainda que essa estratégia seja empregada, ele será uma importante organização (ordem) funcional onde se estrutura um imaginário social. O discurso deixa de ser a representação de sentidos pelo que se debate ou se luta e passa a ser, ele mesmo, o objeto de desejo que se busca, dando-lhe, assim, o seu poder intrínseco de reprodução e dominação.

O discurso nada mais é do que a reverberação de uma verdade nascendo diante de seus próprios olhos; e, quando tudo pode, enfim, tomar a forma do discurso, quando tudo pode ser dito e o discurso pode ser dito a propósito de tudo, isso se dá porque todas as coisas, tendo manifestado e intercambiado seu sentido, podem voltar à interioridade silenciosa da consciência de si. (FOUCAULT, 1999, p. 49)

Foucault questiona o papel do intelectual dentro da sociedade. Como por exemplo, o papel de um pesquisador, ou cientista e qual a utilidade que estes têm para a sociedade, não só a de ficarem presos na Universidade. Mas qual o papel político de um intelectual e quais respostas eles podem encontrar para as crises de um momento histórico, a história pela qual as coisas produzem problemas. Nesse contexto, essa produção do mundo da época, de guerras, crises, rebeliões; leva Foucault e outros pensadores a proporem uma politização do conhecimento, dessa produção. Nesse sentido, a Análise do Discurso nasce para ele como instrumento de leitura dos sentidos.

Pode-se dizer que uma das propostas de Foucault é analisar as condições, jogos e efeitos do discurso. Para isso, segundo ele, é preciso optar por três decisões, as quais nosso pensamento tende a resistir. Na realidade três grupos de funções: questionar nossa vontade de verdade; restituir ao discurso seu caráter de acontecimento e suspender, enfim, a soberania do significante. Para o autor, desvendar esse jogo implica certos mecanismos metodológicos. “Podem-se perceber, de imediato, certas exigências de método que implicam” (FOUCAULT, 1999, p. 51).

Análise da Constituição Corporal de Malévola

A Bela Adormecida, um dos clássicos contos de fadas mais famosos da humanidade, pela versão dos Irmãos Grimm, foi publicada em 1812, na obra Contos de Grimm. Com o processo de aproximação de duas linguagens de arte, a instauração da obra literária para uma obra fílmica, há o imbricamento do texto literário com o cinematográfico. Ambas histórias propõem contar sobre a inocente princesa Aurora, que quando bebê sofre de uma maldição da vilã, Malévola, uma fada maligna que lança o feitiço para que a princesa aos seus 16 anos, caia em sono profundo, até que um príncipe encantado a desperte por um beijo de amor verdadeiro.

A história de “A Bela Adormecida” é ressignificada de modo amplo com luta aos arquétipos estabelecidos, aqui a construção de “amor verdadeiro” será definido através de experiências reais. Não será mais contada uma história de contos de fadas, de uma princesa que precisa ser salva, pois isso não cabe mais a realidade feminina atual. As princesas contemporâneas são personagens fortes, corajosas, determinadas e capazes de salvarem a si mesmas.

O discurso remarca lutas, embates e relações de resistências a dados exercícios de poder nas práticas sociais. Compreender então, o funcionamento do discurso na sociedade é considerável para lançar o olhar o corpo em sua dimensão histórica. O corpo também é constituinte e constituído por discursos que demarcam, por exemplo, padrões estéticos e condutas construídas ao corpo feminino. É significativo destacar *a priori* que o corpo de Malévola não se limita às concepções orgânicas; antes de tudo, ele se apresenta como um campo sobre o qual operam diferentes discursos. Na relação de adestramento dos corpos, percebemos o exercício de poder que há no corpo enquanto uma instância que materializa discursos.

O corpo feminino é um objeto discursivo que ao longo da história espelha marcas, constituições e ditados ideológicos de dominação masculina. Em que a mulher deve obedecer a um padrão de comportamento imposto a ela sem questionar ou problematizar, pois esta foi construída para se adequar ao “normal”. O que viabiliza um poder de manifestação sobre esse sujeito, é o que move suas práticas.

Se este corpo foge às normas ou padrões estabelecidos, é excluído, se oferece mecanismos de resistência, é diferente, torna-se um corpo anormal.

Considerações Finais

Consideramos que Malévola se constituiu como um corpo resistente em oposição aos corpos dóceis das construções de princesas encantadas da Disney, uma vez que consideramos “dócil um corpo que pode ser submetido, que pode ser utilizado, que pode ser transformado e aperfeiçoado” (FOUCAULT, 2012, p. 132). Logo, consideramos que, ao considerar essas mudanças presentes, devemos pensar nas práticas e movimentações do corpo-sujeito; no qual as práticas podem ser únicas e aperfeiçoadas. Assim, chegamos à conclusão de que o corpo é construído em uma atualidade que perpassa no fio da história a partir de elementos espaciais tomados como inéditos, constituídos na investigação da discursividade do corpo feminino em Malévola. Na qual emergem relações entre espaço-sujeito, exercício de poder e resistência deste corpo, cuja estrutura estabelece um imbricamento entre noções de uma história de padrão e de corpo, que implica em se pensar o discurso como um elemento que estuda e constitui essa relação.

Agradecimentos

Agradecemos ao Programa Institucional de Bolsas da UEG (PIBIC), pelo fomento destinado a realização desta pesquisa.

Referências

- FOUCAULT, Michel. **A Ordem do Discurso**. São Paulo, Edições Loyola – 5ª edição, 1999.
- FOUCAULT, Michel. **O Corpo Utópico; As Heterotopias**. São Paulo: n-1 Edições, 2013.
- _____. “Os Corpos Dóceis”. In: **Vigiar e Punir**. Petropolis, RJ: Editora Vozes, 2012, p. 131-163.